

# Pesquisa <sup>Saúde</sup> revela dificuldade da carioca com o seu corpo

Cerca de 30% das mulheres abandonaram os testes

Editoria de Arte

Apesar de ter a fama de ser uma das mulheres mais liberais do país, a carioca ainda tem dificuldades de tocar o corpo e de lidar com a sexualidade. Este foi um curioso dado adicional da pesquisa sobre a aceitação da camisinha feminina encomendada pelo Ministério da Saúde. A coordenadora da pesquisa carioca, Maria Fátima Fontes de Azevedo Costa, disse que 30% das mulheres pesquisadas abandonaram os testes no primeiro mês pelo desconforto de ter que pôr o preservativo no próprio corpo.

— Muitas mulheres, ao introduzirem este preservativo em sua vagina, experimentam certo constrangimento. Por este mesmo motivo, as mulheres sempre preferiram usar a pílula em vez do diafragma como anticoncepcional. A pílula é um comprimido via oral, mas o diafragma a obriga a conhecer e a tocar os seus órgãos genitais. Isto ainda é difícil para muitas mulheres. Das 450 pesquisadas, apenas 300 chegaram ao final dos testes — disse Maria Fátima.

## Conscientização sobre a Aids aumenta no país

Outro dado adicional foi o alto grau de conscientização da mulheres em relação às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à Aids. A coordenadora-geral da pesquisa, Regina Barbosa, disse que esta conscientização vem aumentando em todo o país.

— A camisinha feminina vai encontrar uma mulher mais consciente, que não usa o preservativo apenas para evitar a gravidez. Muitas usuárias são laqueadas ou tomam pílulas, mas querem se proteger contra DST e Aids — disse.

A pesquisa indicou ainda

**1**

Aro externo

Aro interno no fundo

**2**

Útero

**3**

Osso do púbis

Com o lado aberto pendurado, segure a outra ponta da bolsa e aperte o aro com o polegar e o dedo médio. Ponha o indicador entre o polegar e o dedo médio

Se pare os lábios vaginais com a outra mão, introduza o preservativo, ainda apertando o aro interno, e vá empurrando a camisinha para o interior da vagina

Empurre o preservativo pelo canal vaginal até que o aro interno fique bem acima do osso púbico. Esse pode ser sentido curvando-se o indicador já dentro da vagina

que a relação sexual protegida dobrou ao longo dos três meses de duração dos testes:

— No início da pesquisa, nós perguntamos se elas tinham usado algum preservativo na última relação sexual e 31% disseram que sim. Três meses depois, 65% tinham usado preservativos na última relação. A camisinha feminina ampliou a proporção do sexo protegido.

Dos seis municípios pesqui-

sados, o índice médio de aceitação foi de 70%. O mais alto ocorreu em Porto Alegre (80%) e o mais baixo, em São Vicente (54%). Para Regina Barbosa, a baixa aceitação de São Vicente deve-se não propriamente à camisinha, mas ao frágil programa de saúde para mulheres da cidade:

— Esta cidade não oferece uma boa infra-estrutura de atendimento às mulheres, como nos demais municípios. ■